



A Liturgia do Salvador e a República das Ilusões

Publicado em 2026-03-09 22:06:47



BOX DE FACTOS

- António José Seguro tomou posse como Presidente da República a 9 de Março de 2026.
- O Presidente da República não governa o país nem exerce poder executivo directo sobre o dia-a-dia do Estado.

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

certas circunstâncias.

- Uma parte dos portugueses continua, porém, a investir emocionalmente na figura presidencial como se dela pudesse sair uma salvação nacional.
- O problema não está apenas na instituição, mas na psicologia colectiva que transforma liturgia republicana em esperança messiânica.

A imagem que ilustra o artigo : Sepultado em Marrocos, ressuscitado pela ingenuidade nacional: eis o velho negócio português da salvação imaginária.

A Liturgia do Salvador e a República das Ilusões

Em Portugal, basta uma cerimónia solene, meia dúzia de palavras comovidas e o país volta a sonhar com salvadores — como se a emoção constitucional pudesse fazer o trabalho que a coragem política nunca quis fazer.

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

se ao velho vício nacional de esperar redenção em figura alheia. Não importa que a arquitectura constitucional seja clara. Não importa que o Presidente não governe, não administre ministérios, não execute políticas públicas, não dirija o aparelho do Estado. A liturgia entra em cena, a emoção sobe de tom, e logo se fabrica mais um salvador de ocasião.

António José Seguro tomou posse hoje, 9 de Março de 2026, como novo Presidente da República, após vencer a segunda volta das presidenciais de 8 de Fevereiro. A sua eleição foi lida por vários observadores internacionais como um sinal de contenção institucional e de procura de estabilidade num país marcado por fadiga social e polarização política. Mas daí até à transformação do novo Presidente numa promessa implícita de resgate nacional vai uma distância que o sentimentalismo português percorre em segundos. ^o

É aqui que começa a tragédia pequena, persistente e quase doméstica da nossa cultura política: confundimos funções com fantasias, cargos com milagres, solenidade com substância. A cada posse, o país parece dizer a si mesmo que talvez seja desta, talvez agora, talvez este homem, com a voz certa, o rosto certo, o tom certo, consiga moralizar a decadência, disciplinar a mediocridade, vencer o lodo, dar

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

Um cargo sem volante, mas com travão

Convém, todavia, precisar as coisas com rigor. O Presidente da República não possui poder executivo directo. Não governa o país como um primeiro-ministro, não define nem executa a política governativa, e não conduz a máquina administrativa do Estado. Mas não é também um boneco de porcelana entregue à contemplação pública. A própria Presidência da República recorda que o chefe de Estado pode vetar diplomas, pedir a fiscalização preventiva da constitucionalidade e, em certas circunstâncias, dissolver a Assembleia da República. O Parlamento português também sublinha esse papel de interdependência institucional e de controlo recíproco entre órgãos de soberania.¹

Isto significa que o Presidente não é irrelevante. Tem peso. Tem influência. Pode travar, adiar, pressionar, arbitrar crises, lançar sinais e, em momentos-limite, alterar o curso político do país de forma indirecta mas decisiva. O que não pode é fazer aquilo que tantos portugueses, num misto de carência e ilusão, parecem desejar: resolver estruturalmente os dramas do país por simples força simbólica. Não há discurso de posse que construa casas, reforme a justiça, aumente a produtividade, regenere a escola, cure o Serviço Nacional de Saúde ou ressuscite o civismo nacional.

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

portugueses não olha para o Presidente como guardião constitucional de um equilíbrio delicado entre poderes. Olha para ele como se fosse pai simbólico da tribo, árbitro moral da nação, reserva ética do regime, último reduto de decência numa casa em desarranjo. É uma necessidade compreensível, mas politicamente infantil. E, como todas as infantilidades colectivas, paga-se caro.

Um povo cansado agarra-se a símbolos. Um povo inseguro procura amparo. Um povo frustrado sonha com figuras providenciais. Não se trata apenas de ignorância: trata-se de fragilidade cívica. Quando as instituições falham, quando os governos se desgastam, quando os partidos se tornam máquinas sem chama e a vida quotidiana aperta a garganta, cresce a tentação de depositar esperança num rosto sereno, numa voz pausada, numa solenidade presidencial. É humano. Mas também é perigoso. Porque a esperança mal colocada transforma-se depressa em mais uma decepção.

A nação que espera sempre o milagre ao lado

Há décadas que Portugal vive neste teatro. A nação escorrega, tropeça, adia reformas, perpetua vícios, tolera incompetências, acomoda-se à anemia e, de tempos a tempos, levanta a cabeça para procurar um rosto salvador que a reconcilie consigo própria. É uma forma subtil de

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

por si mesmo.

A emoção pública à volta das presidências diz muito sobre a alma nacional. Não sobre a força da República, mas sobre a fraqueza das expectativas republicanas. Quando a comoção substitui a análise e a cerimónia toma o lugar da razão, a política degrada-se em catecismo emocional para consumo televisivo. E o povo, em vez de cidadão exigente, regressa ao papel de audiência devota.

É por isso que a cena causa pena. Não desprezo; pena. Pena por um país que continua a olhar para instituições limitadas como se fossem poços de transcendência. Pena por um povo que, em vez de se erguer na difícil disciplina da lucidez, escolhe recorrentemente o consolo narcótico da esperança mal dirigida. Pena por esta necessidade quase biológica de imaginar salvadores numa democracia onde os problemas exigiriam, antes de tudo, cultura cívica, exigência social, coragem reformista e menos idolatria de ocasião.

Nem cinismo, nem devoção

Também não vale cair no simplismo oposto. Nem todo o português que se emociona é ingénuo, nem todo o respeito pela função é servidão espiritual. Há, evidentemente, quem veja na figura presidencial um símbolo de continuidade,

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

Constituição nunca lhe entregou.

A maturidade republicana começa quando se percebe isto: um Presidente pode ser importante sem ser providencial; pode ser digno sem ser redentor; pode ser útil sem ser milagreiro. O resto é teatro nacional, dessa espécie sentimental que faz vibrar as televisões, entenece comentadores e embala o país na ilusão de que a salvação está sempre a tomar posse, embora o charco continue no mesmo lugar.

E assim vamos. Uma cerimónia, um discurso, alguns olhos marejados, metáforas sobre a pátria, apelos à união, palavras de esperança, e mais uma vez Portugal confunde o brilho efémero da solenidade com a rude tarefa de se reformar a sério. A República prossegue. O mito também.

Publicações internacionais e fontes consultadas

Reuters — cobertura da segunda volta das presidenciais portuguesas e do contexto político da eleição de António José Seguro.²

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

Assembleia da República — enquadramento institucional da relação entre Parlamento e Presidente da República no sistema constitucional português.⁴

Frase final:

Portugal continua a confundir a solenidade de uma posse com o nascimento de uma salvação — e é nessa ilusão enternecida que o país vai, teimosamente, escorregando para o charco.

Belém Não É um Altar, Mas Portugal Insiste em Levar Velas.

D. Sebastião não regressa porque nunca esteve no nevoeiro — esteve no chão, derrotado, sepultado pela história e ressuscitado apenas pela imaginação de um país que insiste em confundir lenda com destino.

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

criticar: expomos as falhas de uma sociedade e de uma civilização para iluminar a escuridão, romper o nevoeiro da conformidade e devolver à verdade o seu lugar.

 [GitHub Pages](#)

 [CodeBerg Pages](#)



Fragmentos do Caos: [Blogue](#) • [Ebooks](#) • [Carrossel](#)

 Esta página foi visitada ... vezes.

[Contactos](#)